

Entre Margens: A Jangada de Pedra e “A Terceira Margem do Rio”, Um Navegar Ousado

Between Banks: *The Stone Raft* and “The Third Bank of the River,” A Venturesome Sail

“Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo

Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim.”
(Milton Nascimento)

*Raiane Cordeiro de Souza Moreira*¹
*Maria Cristina Pimentel Campos*²

RESUMO: A aproximação das duas obras em questão, *A jangada de Pedra* e “A terceira margem do rio”, de José Saramago e Guimarães Rosa, respectivamente, evidencia a atitude questionadora dos autores, que ousaram buscar a diferença, o insólito, numa tentativa de destituir o absoluto. Percebe-se, nessas obras, a busca da defesa de um espaço de exceção. As narrativas se passam no “entre-lugar”, no “não-lugar”, e as personagens são marcadas pela busca de identidade e de autoconhecimento. O espaço escolhido pelos autores denota

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

² Doutora em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio de Pós-Doutorado na *University of Alabama*. Professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e docente do Programa de Pós- Graduação em Letras na mesma instituição.

não mais o uno e o absoluto ou a bipolaridade, mas um lugar terceiro, em que as contradições e os opostos estão reunidos. Em ambas as narrativas, a travessia representa a vida e as “embarcações”, a canoa e a jangada, seriam os próprios meios de conduzi-la. Busca-se, assim, observar o mundo de um ponto de vista que permite captar da melhor forma o movimento dos fenômenos em sua pluralidade e diversidade, percebendo a cultura pós-moderna marcada sempre por um movimento emergente das margens.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Margem. Exclusão.

○ que se observa tanto em Guimarães quanto em Saramago é o papel de transculturador, que, segundo Rama, citado em Chaves e Macedo (2003, p. 52), “é aquele que desafia a cultura estática (e estática porque presa à tradição local) a desenvolver suas potencialidades e produzir novos significados, sem, contudo, perder sua textura íntima”.

Dessa forma, tem-se, nesses escritores, a visão de espaços literários que se originam na passagem entre polos da resistência tradicionalista e do impulso modernizador. Angel Rama ainda defende que o papel de escritores “transculturadores” é decisivo para a reflexão desenvolvida por eles sobre sua própria cultura de origem. Esses escritores servem de “mediadores entre sua região de origem e a ordem supra-regional” (CHAVES; MACEDO, 2003, p. 53). Eles puderam, via literatura, estender uma ponte integradora entre setores localistas com padrões culturais próprios (frequentemente muito arcaicos) e um projeto modernizador de maior amplitude.

Seguindo o viés da comunicação entre fronteiras, da busca de um “entre-lugar”, podemos pensar no papel da literatura comparada, pautando-nos pela “civilidade

universalizadora” (STEINER, 2001, p. 155). A apreciação de outras culturas e de seu valor intrínseco enriquece a condição humana. Num sentido intelectual e espiritual, “esse livre comércio é essencial ao enriquecimento da condição humana. Tanto no campo mental como no político, o isolamento e a arrogância nacionalista são vias que levam à ruína brutal.” (STEINER, 2001, p. 155). Assim, a literatura comparada dá ao ser humano a capacidade e a liberdade para perceber, articular e modificar o mundo em que vive.

Observando a literatura como a leitura do humano, como arte que busca o real de uma maneira imaginativa, metafórica, percebe-se uma tentativa de proximidade da arte literária de todos os tempos. O ser humano, sob esse ponto de vista, se rege em todas as culturas pelas mesmas matrizes discursivas, de modo intemporal, inconsciente. Nitrini, ao tratar dos conceitos fundamentais da literatura comparada, pontua que “a grande literatura é um permanente reescrever ou revisar” (2000, p. 146). Daí a ênfase, na ótica de Bellei (1984), no jogo característico da chamada “Literatura de Exaustão”: tudo o que há a fazer é brincar com a linguagem, reorganizar eternamente as pedras de um imenso quebra-cabeça.

Cada época possui o discurso correspondente às necessidades que o movimento da história lhe coloca. Cada voz retoma a voz da história ao seu modo, na perspectiva de novos horizontes. Assim, digamos que não há repetição, mas diálogo, ou melhor, abertura de diálogo; situação em que quem versa não desfaz seu próprio discurso no discurso alheio, mas constrói um discurso próprio engatado no discurso do Outro.

Dessa forma, tanto Guimarães quanto Saramago, nas obras em questão, se nutrem de um discurso já recorrente na literatura, pautando-se pela ideia do descentramento. O ser humano questionado nessas obras “rejeitou a função de centro

alienado e optou pela participação em um todo maior” (BELLEI, 1984, p. 320).

A literatura engajada desses escritores busca sustento na magia e num mundo recriado, mítico. Ambos interpretam a realidade e a história através do universo do fantástico, que reflete o duplo universo interior x universo exterior, num espaço que mistura engajamento político, historiografia e tradições populares. É justamente na subversão das vozes que esses escritores encontram o cenário ideal para a construção de um mundo mítico. Essa percepção de um mundo mítico criado pela tradição popular insere as obras em questão na dimensão de 'Reinos Encantados', num processo de 'encantaria' das relações entre o homem, o meio e a natureza. Oscilando entre o desconhecido, o inusitado, o sobrenatural e o terror, e partindo da noção de símbolo enquanto “mensageiro da transcendência no mundo da encarnação e da morte” (DURAND, 1998), criam um jogo entre o real impraticável e o utópico desejável.

O experimentalismo literário da pós-modernidade passa pelos caminhos das questões identitárias, da assimilação da perspectiva global e da formação de espaços utópicos. Uma dialética do “entre-lugar” (BHABHA, 1998) tem suscitado novas cartografias sociais, onde utopia e realidade se confundem, sobretudo nas artes.

Dentro do universo da literatura, sempre existiu a utopia. Desde a Antiguidade e a Idade Média, os textos surgiam repletos de mundos e criaturas imaginados. O espaço literário, dessa forma, tem sido o terreno mais fértil para a criação de mundos surreais.

As narrativas utópicas representam a possibilidade de acesso à desconfiguração das fronteiras. Retomando Foucault (1971), “as utopias consolam, porque, se não dispõem de um tempo real, disseminam-se, no entanto, num espaço

maravilhoso, abrem cidades e vastas avenidas, jardins bem cultivados, países fáceis, mesmo que o acesso a eles seja quimérico”.

Dentro dessa concepção, tanto Guimarães quanto Saramago retomam mitos do passado com a tentativa de recriá-los. A obra desses escritores nos mostra um cabedal imenso de pesquisa, e abrangê-las em todos seus aspectos é objetivo inatingível. Um conjunto de escritos de tal magnitude suscita muitos estudos, pois seus aspectos variados, enfocando o lado folclórico, social, dramático do homem, multiplicam-se a cada leitura. Cabe, neste trabalho, entender a tentativa de busca de identidade que se dá através da reelaboração do universo mítico.

Harold Bloom (2002), em *A angústia da influência*, acredita que toda obra poética luta, angustiadamente, pela superação de modelos poéticos anteriores, os precursores; que todo poema é uma resposta angustiante contra um poema anterior. Dessa luta, nasce a obra de arte definitivamente forte. Tanto a obra de Guimarães Rosa quanto a de José Saramago são “terreno farto” onde encontraremos exemplos dessa luta.

Dentro de um contexto em que a cultura pós-moderna é marcada por um movimento emergente das margens, surge “A terceira margem do rio”, narrativa integrante da obra *Primeiras histórias*, publicada por Guimarães em 1962. O conto narra sobre a vida de um homem que, repentinamente, manda construir uma canoa, passando a habitar a suposta “terceira margem do rio”. A história é narrada pelo filho, que parece buscar na enunciação um sentido para o acontecido. As primeiras referências ao pai mostram ter sido ele sempre ligado à regra, aos padrões vigentes, à normalidade:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem

mais triste do que os outros conhecidos nossos. (ROSA, 2001, p. 79).

No conto “A terceira Margem do rio”, fica evidente a retomada do mito de Édipo, que mata o próprio pai e amaldiçoa o assassino (por sinal, ele mesmo, embora não soubesse). Guimarães cria, em seu conto, um filho que também vive à margem da figura do pai, fazendo de tudo para que ele desistisse da vida na canoa e voltasse a viver com a família. No final, o pai decide, após um apelo do filho, ceder e trocar de lugar com ele. Mas o herói falha no momento de realizar a troca:

Ele me escutou. Ficou de pé. Manejou remo n' água, proava pra cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gestos- o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por favor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto ele me pareceu vir da parte do além. E estou pedindo, pedindo, pedindo, um perdão. (ROSA, 2001, p. 85).

Assim como Édipo buscava o perdão pelo assassinio de seu pai, o filho pedia esse perdão pela falta de coragem para, finalmente, trazer seu pai do além, da canoa, e com ele trocar de lugar. O filho não mata fisicamente o pai, mas a culpa é que faz as semelhanças entre as histórias, numa retomada mítica, em que Rosa busca observar o homem em suas múltiplas acepções.

Ainda dentro do universo mítico, *A jangada de pedra* é uma das obras de José Saramago em que fica evidente o resgate do mito do sebastianismo, no qual as glórias do passado são lembradas como uma maneira de repensar o país. O problema da colocação de Portugal no contexto mundial é exposto de uma forma clara e, muitas vezes, mais que explícita, beirando certa agressividade nas ideias. O texto do autor, mesmo classificado de pós-moderno e contemporâneo, traz essas latentes questões

sobre Portugal e esse contexto europeu, não aceitando a condição subordinada e, por conseguinte, aflorando um nacionalismo, em parte idealizador, em uma narrativa com traços psicodélicos das vanguardas europeias (em especial o Simbolismo) sem ser “imaturo” e “inacabado” como a idealização romântica de sociedade e nação.

A jangada de pedra traz uma crítica afiada e agressiva a todo esse contexto. Na obra, o autor apela para uma faceta em que se identifica um traço que chega a partir para o lado surreal da literatura: a divisão da Península Ibérica do restante da Europa, pela qual Portugal e Espanha desprendem-se do continente e começam a “navegar” pelos oceanos de forma aparentemente errante.

A modernidade é vista, dessa maneira, não apenas como um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente, mas como caracterizada por um processo sem fim de fragmentações internas no seu próprio interior. Na verdade, o que se percebe é que existem valores e representações do mundo que acabam por excluir as pessoas. Os excluídos não são simplesmente rejeitados fisicamente, geograficamente ou materialmente, não somente do mercado e de suas trocas, mas de todas as riquezas espirituais. Seus valores não são reconhecidos, ou seja, há, também, uma exclusão cultural.

Nessa obra de Saramago, o desprender da Península do continente europeu mostra uma espécie de tentativa de recomeço na vida dos iberianos (o autor usa esse termo para se referir a Portugal e Espanha) que, repetindo a história, lançam-se ao mar. Mesmo que de uma forma inusitada, a península assume o papel das naus que, no passado, trouxeram o esplendor do império aos países em questão, mostrando uma 'falsa esperança' em relação ao retorno dos tempos de glória. No seguinte trecho, podemos observar a identificação cultural e histórica entre os dois países:

É que, concluamos o que suspenso ficou, por um grande esforço de transformar pela palavra o que talvez só pela palavra possa vir a ser transformado, chegou o momento de dizer, agora chegou, que a Península Ibérica se afastou de repente, toda por inteiro e por igual, dez súbitos metros, quem me acreditará, abriram-se os Pireneus de cima a baixo como se um machado invisível tivesse descido das alturas, introduzindo-se nas fendas profundas, rachando pedra e terra até o mar, agora sim, poderemos ver o Irati caindo, mil metros, com o infinito, em queda livre, abre-se ao vento e ao sol, leque de cristal ou cauda de ave-do-paraíso, é o primeiro arco-íris suspenso pelo abismo, a primeira vertigem do gavião que com as asas molhadas paira, tingidas de sete cores. (SARAMAGO, 1988, p. 34).

Nessa passagem, construída com muitos elementos simbólicos, fica claro o início da jornada da “Jangada” constituída pelos dois povos pelo mar. Jornada esta com um início mítico, passando pelo portal de arco-íris em direção ao sol (símbolo máximo da esperança), lembrando a tradição mítica da fundação de Portugal: “Abrir-se ao vento e ao sol” assume também todo um significado ao sugerir um retorno às origens, “glória das colonizações” como forma de “deixar para trás” um continente viciado e recomeçar a pátria.

A ideia de individualismo que a modernidade propõe é claramente discutida nas duas obras. Saramago demonstra essa individualidade ao insistir, no decorrer de *A jangada de pedra*, a respeito da facilidade de adaptação do ser humano. (BERMAN, 2007, p. 32), em sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar*, propõe essa individualidade como sendo uma busca de identidade, em que, “o sentido que o homem moderno possui de si mesmo e da história vem a ser na verdade um instinto apto a tudo, um gosto e uma disposição por tudo”.

Ao falar dessa adaptação, Saramago volta-se para os europeus e, de uma maneira irônica, insiste na questão do

desprezo que o continente mantém em relação a Portugal e Espanha:

O homem é o mais adaptável das criaturas, principalmente quando vai para melhor. Ainda que não seja lisonjeiro confessá-lo, para certos europeus, verem-se livres dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmantreada pelo oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias mais confortáveis, cada qual com seu igual, começamos finalmente a saber o que a Europa é [...] (SARAMAGO, 1988, p. 153).

Apesar de toda rudeza e aspereza da temática trabalhada por Saramago, ele faz com que a jangada flutue. Através do universo fantástico e da “metáfora da jangada”, que é de pedra e supõe peso, o autor delimita o caminho árduo que Portugal e Espanha terão que percorrer. Por algum motivo desconhecido e misterioso dentro do universo narrativo proposto, há o deslocamento e a separação desses dois países do restante da Europa.

A metáfora, da forma como Saramago a emprega, não impõe um objeto sólido, e nem mesmo a palavra pedra chega a tornar o texto pesado, mas tem o objetivo tão somente de mostrar a busca de identidade dos povos peninsulares. Evidencia-se, dessa forma, a dificuldade imposta pela pedra, que a princípio apresenta-se intransponível. Ela simboliza a dificuldade de transformação - seja ela social, econômica, cultural. Transformação essa, dentro da ótica saramaguiana, que depende tão somente das ações humanas, mesmo que sejam ações que transcendam o entender humano. O autor deixa transparecer, quando faz a “jangada” flutuar, à deriva, que qualquer proximidade ou distanciamento deve ser marcado pelo signo da identidade.

Já em “A terceira margem do rio”, Guimarães evidencia a atitude vanguardista da personagem do pai, que ousou buscar a

diferença. Lenira Marques Covizzi, em seu estudo acerca do elemento insólito na obra de Guimarães Rosa, destaca alguns aspectos recorrentes nos contos marcados pela estranheza:

Os personagens das Primeiras Estórias são sempre seres de exceção, por diferentes motivos. Seja por especial estágio etário de evolução [...], atitudes pouco comuns, atitudes surpreendentes, transgressão às regras sociais, atuação em acontecimentos não habituais, anormalidade físico-psíquica. (COVIZZI, 1978).

O pai, dentro do conto rosiano, representa uma tentativa de buscar o novo, o diferente. Para isso, a atitude simbólica que adota marca um espaço de adaptação. Ele, um possível inadaptado, a princípio é tido como louco; passa anos ali, alimentando-se com quase nada, numa demonstração de penitência ou até mesmo de força, coragem para mudar, para quebrar a normalidade, o habitual. Escolhe ficar entre as duas margens, local ainda não experimentado. Abandona a bipolaridade sugerida pelas margens e embrenha-se no desconhecido: “Nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente.” (ROSA, 2001, p. 81).

Percebe-se, dessa forma, a busca de liberdade, de individualidade, ideia proposta pelo pós-modernismo, mesmo que seja uma liberdade solitária. O indivíduo pós-moderno é sempre isolado, pensativo, questionador. A maneira que Guimarães encontrou para traduzir esse isolamento foi a busca de um lugar de exceção, uma “terceira margem”, lugar que só é almejado por quem pretende se distanciar do que está pré-determinado, do previsível.

O desejo do centro, característico de toda a história do ocidente, é um desejo arraigado, e a volta aos centros pode ser inevitável. Bellei (1984) argumenta que não se pode viver por

muito tempo no labirinto ou na espiral. No entanto, o que se observa, na obra desse escritor, é justamente a fuga de uma posição centralizadora.

Dessa forma, Guimarães expõe sua personagem a uma atitude de eliminação do normal, do corriqueiro. Encontrando-se sempre à margem, distante dos ideais de liberdade social, preso a atitudes discriminatórias, ao personagem do pai, busca o distanciamento. O correr do rio simboliza o “entre-lugar”, da busca de um espaço onde se possa viver a liberdade.

Estar à terceira margem é não desejar o centro, nem acreditar nele. Ela é a margem que não se fixa, é maleável, mutante, não cria normas e, portanto, não aprisiona. A terceira margem: espaço daqueles que se anulam uma vida inteira para que outro fio de vida se teça. O filho, no entanto, nega-se a tarefa de ser o elemento perpetuador dos ideais do pai, no momento em que foge à tarefa de substituí-lo na canoa. A temática que dá o tom da viagem aqui é o ciclo da vida, ou seja, a história do viver e do morrer. O filho, enquanto narrador, reconstitui a viagem empreendida pelo pai, buscando compreendê-la.

O insólito se instaura dentro da obra rosiana à medida que o pai decide assumir o papel de condutor e objeto do seu destino, da sua própria vida e, ao mesmo tempo, explicitando o papel do próprio filho, na tentativa de querer dar, através dele, continuidade à sua missão de transformação, de mudança.

De frente com o desconhecido, com o estranho, a família, depois de esgotadas as tentativas (a última foi a ida de toda a família à beira do rio apresentar o neto recém-nascido), abandona o velho dentro daquela canoa e vai embora, concluindo: “Tudo o que não valeu de nada” (ROSA, 2001, p. 81). Mudaram-se para longe, afugentados pelo advento e pela

permanência do estranho: enfrentá-lo implicaria mais sacrifícios, permanentes angústias e grande coragem.

A partir desse momento, torna-se evidente o valor atribuído ao indivíduo no conto de Guimarães, estando relacionada às ações humanas a própria felicidade ou infelicidade.

De fato, é a partir da ação do pai, no conto rosiano, que inferimos seu caráter. Trata-se, pois, de alguém obstinado em seu ofício de canoieiro solitário, marginal, que tenta encontrar um sentido valioso para sua vida, ou pelo menos passar seus ideais para o filho. Já o personagem-narrador se descreve como alguém que, em terra, durante toda sua vida, acompanhou o pai em seu estranho ofício no rio, e que, na hora de substituí-lo, fraqueja irremediavelmente: “sou culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu fôro” (ROSA, 2001, p. 84). Aqui se revela uma personagem que se sente culpada por sua imobilidade. Num dado momento, foi dado a ele a chance de agir, e ele não foi capaz de fazê-lo. Visto sempre como o filho que carregaria do pai alguma herança de virtude, que se dizia parecido e influenciado pelo pai - “[...] foi pai que um dia me ensinou a fazer assim” (ROSA, 2001, p. 83) - ele é uma personagem que nunca deserta de sua missão. Nunca viaja, não se casa, não se distrai em seu compromisso com o pai. Porém, no final da narrativa, rompe o acordo com o pai por não se sentir preparado para assumir tamanha responsabilidade de substituí-lo na difícil missão de romper com os ditames sociais tradicionais. Tomar seu lugar é atingir o conhecimento do mundo que aniquila, que é sinônimo de viver e, ao mesmo tempo, ir de encontro à preparação para a morte. E o filho recua. Esse desfecho é expressivo porque traz à tona o limite do homem. A experiência do pai ultrapassa o humano; já a do filho é a de alguém que esteve no limite e retornou, enquanto narrador, para contar-nos o fato. Diferentemente do resto da família, que

abandona a localidade depois de ter desistido do desembarque do chefe da família, o protagonista do conto mantém-se preso ao local da cultura arcaica habitada pelo pai. Tentando traduzir-lhe a estranha deriva e aguardando o momento de ocupar seu lugar na canoa, impõe-se lhe a recusa e a fuga: “Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai continuar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo.” (ROSA, 2001, p. 85).

Assim é o homem moderno, contemporâneo, aquele que busca, que permanece inquieto ante os fatos, ante a realidade, aquele que questiona, mesmo que não consiga ir além, que fracasse.

É importante, neste momento, ao analisar essa mesma relação do ser humano com seu destino em *A jangada de pedra*, ressaltar o conhecido mito do Fausto, de Goethe, que observa que o único meio de que o homem moderno dispõe para mudar, para se aproximar de seus pares “é a radical transformação de todo o mundo físico, moral e social em que ele vive. A heroicidade do Fausto goetheano provém da liberação de tremendas energias humanas reprimidas, não só nele mesmo, mas em todos os que ele toca e eventualmente, em toda a sociedade à sua volta.” (BERMAN, 2007, p. 54).

Nesse sentido, os escritos de Saramago em *A jangada de pedra* remetem à ideia defendida por Marx, citado em Berman (2007, p. 54), de que os poderes humanos só podem se desenvolver através de “poderes ocultos”, “negras e aterradoras energias, que podem irromper com força tremenda, para além do controle humano”. Saramago, assim, constrói personagens que são movidas por poderes supostamente sobrenaturais, envolvidas com um espetacular acidente geológico, em que a Península Ibérica se desgarra do restante da Europa. A viagem da jangada, que simboliza a tentativa de mudança, é marcada,

em *A jangada de pedra*, pelo inesperado, pelo mágico, pelo estranhamento. Através do caminho percorrido pelas personagens, o texto nos remete a mitos; nele se recuperam as crônicas, os heróis, e toda a história da península. No decorrer da ficção, o voo dos pássaros que acompanha José Anaiço sugere uma constante busca de liberdade e até mesmo do caminho ideal:

Nesse momento os estorninhos levantaram vôo todos juntos, cobriram com uma grande marcha negra e vibrante o jardim, as pessoas gritavam, umas de ameaça, outras de excitação, outras de medo. Joana Carda e José Anaiço olhavam sem perceberem o que se estava a passar, então a grande massa afilou-se, tomou-se cunha, asa, flecha, e depois de três rápidas voltas, os estorninhos dispararam na direção do sul, atravessaram o no, desapareceram, longe, no horizonte. (SARAMAGO, 1988, p. 117).

Através de Pedra Orce, personagem que supostamente sentia a terra tremer, tem-se uma maneira de mostrar que nem mesmo a ciência dava conta dos acontecimentos envolvendo a península:

[...] os cientistas foram ao ponto de ligá-lo, em presença das autoridades, a um sismógrafo, idéia desesperada, mas de proveito, porque então puderam certificar-se da verdade que ele afirmara, a agulha do mecanismo registrou acto contínuo o estremecimento da terra, tomando à linha recta mal o paciente foi desligado da máquina. O que não tem explicação, explicado está [...] (SARAMAGO, 1988, p. 82).

Ainda em relação às personagens, o cão que os viajantes encontram representa um guia, ele parece saber onde vai chegar a viagem. O ser irracional, ao conduzi-los na jornada de busca de respostas para todos os acontecimentos recentes com a península, no pensar de Saramago, concretiza a ideia de que a ação humana depende de fatores que não estão ao alcance da sua própria compreensão:

[...] meu Deus, meu Deus, como todas as coisas deste mundo estão entre si ligadas, e nós a julgamos que cortamos ou atamos quando queremos, por nossa única vontade, esse é o maior dos erros, e tantas lições nos têm sido dadas ao contrário, um risco no chão, um bando de estorninhos, uma pedra atirada ao mar, um pé de meia g.e lâ azul, se a cegos mostrarmos, se a gente endurecida e surda pregoamos. (SARAMAGO, 1988, p. 315).

Na obra *A jangada de pedra*, sugerir uma aproximação de Portugal e Espanha a países tidos como marginais, como o fez Saramago, destrói a ideia de se sustentar dos feitos heróicos do passado. A ênfase na índole messiânica do povo português encontra a sua contraposição em Saramago, refletida na sua postura anti-sebastianista, anti-saudosista, mas também, até certo ponto, sonhadora e idealista. *A jangada de pedra* propõe, através do sonho com uma bacia cultural atlântica correspondente à verdadeira face peninsular, o enfrentamento da realidade problemática e a busca de soluções para a crise de identidade. A busca da memória deve ser no sentido de identificação. A jangada é o espaço onde reinam a criação e a denúncia; a verossimilhança e o fantástico. Abdala Junior, em seu artigo “Globalização e identidade: a bacia cultural ibero-afro-americana em perspectiva”, discorre sobre o posicionamento de Saramago ante os problemas de Portugal: “A jangada de pedra singra o mar dos fenômenos misteriosos, para denunciar o *modus faciendi* dos dois países mais pobres da Europa, impelidos a empreender uma política desenvolvimentista após a adesão à CEE.” (In: CHAVES; MACEDO, 2003, p. 133).

Aproximar, por exemplo, Portugal da América Latina, como Saramago sugere, quando faz a jangada parar, é perceber aproximações culturais, econômicas e de outras ordens que justifiquem essa mudança: “Um dos conselheiros observou então que o novo rumo, vistas bem as coisas, Eles estão a descer

entre a África e a América Latina, senhor presidente, Sim, o rumo pode trazer benefícios, mas também pode agravar as indisciplinas da região [...]” (SARAMAGO, 1988, p. 309).

Esses conceitos usados por Saramago são elucidados na teoria de Lambert sobre o processo de colonização ibérica:

Mesmo abstraindo a América Central e as Antilhas, para considerar apenas a América do Sul, as dez repúblicas independentes dessa parte do continente sul-americano estão separadas por traços culturais bem diferentes, e às vezes antagônicos. Não há dúvida de que todos os países sul-americanos receberam da colonização ibérica, além dos contingentes étnicos, numerosas características de sua estrutura social e de sua atuação política e, sobretudo, a mesma religião católica e as línguas latinas que, embora não sejam idênticas, são parentes muito próximas. Os países sul-americanos, relativamente unidos por influências ibéricas comuns, nem por isso deixam de ser muito diferentes uns dos outros, pois a sua vizinhança, no mesmo continente, não os preservou do isolamento; poucas são as regiões do mundo em que a contigüidade do território tenha determinado entre países limítrofes tão pouco intercâmbio tão pouco contatos contínuos e tão poucas uniões permanentes. (LAMBERT, 1967, p. 17).

Fica evidente que uma aproximação, através de uma ótica marginal, entre os países ibéricos e os países latino-americanos se faz através da semelhança entre seus contingentes étnicos, características de sua estrutura social, atuação política, religião católica e as línguas latinas. E o isolamento dos países ibéricos em relação ao restante da Europa se deve a uma visão centralizadora, dominante, na qual não cabe pensar no diferente. Aturdidos, deslumbrados, esses povos parecem acreditar num possível renascimento no momento em que pudessem se instalar, depois de todas as turbulências da “viagem”, num mundo “novamente formado, limpo e de beleza intacta” (SARAMAGO, 1988, p. 306).

A jangada de Saramago leva, enfim, aonde supostamente seria impossível chegar. Conduz, numa era tida como "globalizada", dois países, em estado de progressiva exclusão do restante da Europa, a repensarem seus destinos, seja cultural, político, econômico. Revela desejo e busca, abre caminho a reflexões infindas.

Dessa forma, os questionamentos sobre busca de identidade, autonomia, origem, transcendência, totalização - conceitos inter-relacionados -, levam os escritos pós-modernistas a se vincularem ao que chamamos de humanismo liberal. No entanto, questionar esses conceitos não significa negá-los, como elucida Linda Hutcheon, em *Poética do pós modernismo*: "A crítica não implica necessariamente destruição, e a crítica pós-moderna, especificamente, é um animal paradoxal e questionador" (HUTCHEON, 1988, p. 84). Sem dúvida, essa postura interrogativa e essa contestação de autoridade, no caso das obras saramaguiana e rosiana, são resultados do que podemos chamar de revolta descentralizada, pois existe um desafio a uma estrutura a que Hutcheon denomina modelos de unidade e ordem. Segundo a autora, essa dificuldade se deve ao fato de que, na contemporaneidade, a vida é mais fragmentada e caótica.

A partir de uma perspectiva descentralizada, "se existe um mundo, então existem todos os mundos possíveis: a pluralidade histórica substitui a essência atemporal eterna" (HUTCHEON, 1988, p. 85). Repensar as margens e as fronteiras leva a repensar os conceitos de eterno e universal: "o local, o regional e o totalizante são reafirmados à medida que o centro vai se tomando uma ficção necessária, desejada, mas apesar disso uma ficção" (HUTCHEON, 1988, p. 86).

A terceira margem, enfim, vislumbrada. A margem do sonho, do desejo, da criação: uma terceira via. Diante de um mundo assolado por divisões, cabe a esses dois textos, em

constante diálogo, a mágica função de conferir, através de suas personagens, a unidade que contingências históricas procuraram interditar. Propõem caminhos, vias possíveis para o encontro e o diálogo com o universal. Caminhos estes em permanente construção, da vida, da identidade e principalmente, do ser humano.

O mundo por si só é tão real, tão maquinalmente composto e tão preenchido por representantes de um sistema de não-vida (ou compreensão antipoética da vida) que os sonhos surgem como o escape necessário, a mesma válvula que sempre levou a humanidade a necessitar de mitos.

Somos feitos dessa matéria dos sonhos, buscamos comungar com aquilo que nos torne transcendentas a este mundo tão aceitador de utilidades de matérias funcionalmente explicáveis.

A literatura, tanto a de Guimarães Rosa quanto a de José Saramago, refaz, assim, o caminho, cria sua própria realidade e nela enxerta os anseios e sonhos do homem, re-significando, re-considerando e re-criando o mundo.

Referências

- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BELLEI, S. L. P. O novo humanismo: formas de descentramento. **Estudos Germânicos**. Belo Horizonte. v. 5, n.1, 1984.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BLOOM, H. **A angústia da influência**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.
- CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. **Hibridismo cultural e exercício crítico**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.
- COVIZZI, Lenira Marques. **O insólito em Guimarães Rosa e Borges**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

FOCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Lisboa: ed 70, 1971.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LAMBERT, J. **Os dois Brasis**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967

NITRINI, Sandra. **Conceitos fundamentais**. Literatura comparada. São Paulo: Edusp, 2000.

ROSA, G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SARAMAGO, J. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. STEINER, G. **O que é literatura comparada?** Nenhuma paixão desperdiçada. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.

ABSTRACT: The parallel drawn between José Saramago’s *The stone raft* and Guimarães Rosa’s “The third bank of the river,” illustrates the authors’ inquisitive attitude, daring to seek the difference, the uncommon, as an attempt to dismiss the absolute. The narratives welcome room for exception and they find room in between and in the non-place. In this way, the space the authors choose does not indicate the one and only place, or bipolarity, but the third one, where contradictions and opposites are reunited. Likewise, in both narratives, characters are constantly in search for their identity, self-knowledge, and the crossover represents life, to be carried on by the raft and boat. Therefore, the voyage seems to illustrate the search for a world where the dynamics of phenomena, their plurality and diversity, are welcomed within the forthcoming post-modern culture and sight of the emerging banks.

KEYWORDS: Identity. Banks. Exclusion.

Data de recebimento: 22/10/2010

Data de aprovação: 15/07/2011

